

MOTIVAÇÃO E CONHECIMENTOS PRÉVIOS: FATORES CONDICIONANTES DA APRENDIZAGEM DO ADULTO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Pauleany Simões de Morais *

Andrezza Maria Batista do Nascimento Tavares **

Márcio Adriano de Azevedo ***

Priscilla de Medeiros Costa Fernandes ****

RESUMO

Vários são os aspectos que intervêm na aprendizagem dos adultos, dentre os quais destacamos a motivação e a exploração de conhecimentos prévios. Esta pesquisa tem como objetivo investigar a interferência dos fatores motivação e conhecimentos prévios no processo de aprendizagem vivenciado pelos alunos do Curso Técnico Integrado em Informática na Modalidade EJA do IFRN – Campus João Câmara. Caracterizou-se por ser de natureza descritiva, do tipo qualitativo e exploratório. Os dados analisados foram obtidos com base em um questionário semiestruturado aplicado aos 17 alunos que integraram a amostra deste estudo. Os principais fatores motivacionais citados pelos alunos foram a vontade de concluir o ensino médio para ingressar no mercado de trabalho (29%) e a busca de novos conhecimentos (23%). A maioria dos alunos (35%) citou questões relacionadas aos professores como fatores que levam a sentirem-se desmotivados para estudar, seguidos de 18% que relataram sentir-se cansados para estudar após a jornada de trabalho. Sobre a importância da utilização de exemplos do cotidiano durante as aulas, 94% afirmaram que eles facilitam a aprendizagem, pois ajudam a relacionar o assunto com acontecimentos do dia a dia, facilitando esse processo. De maneira geral, percebemos que é urgente a necessidade de redefinição da proposta pedagógica aplicada nas turmas de educação de jovens e adultos, sendo necessárias mudanças profundas a fim de conhecer de forma real o perfil desses alunos e adequar as práticas pedagógicas à realidade que é apresentada.

Palavras-chave: Educação de jovens e adultos. Aprendizagem. Motivação. Conhecimentos prévios.

* Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). pauleany.morais@ifrn.edu.br

**Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). andrezza.tavares@ifrn.edu.br

***Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). marcio.azevedo@ifrn.edu.br

****Especialista em Educação Profissional Integrada à Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). Graduada em Fisioterapia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Potiguar (UNP). Servidora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN). priscilla.fernandes@ifrn.edu.br

ABSTRACT

MOTIVATION AND PREVIOUS KNOWLEDGE: CONDITIONING FACTORS OF ADULT LEARNING IN VOCATIONAL EDUCATION

Several aspects are involved in adult learning, among which we highlight motivation and exploitation of prior knowledge. This research aimed to investigate the influence of prior knowledge and motivation factors in the learning process experienced by students of the Technical Course in Computer Integrated Mode of EYPA at IFRN (Federal Institute of Rio Grande do Norte) – Campus João Câmara. This research may be characterized by being descriptive, qualitative and exploratory. Data were obtained from a semi-structured questionnaire applied to 17 students who joined the study sample. The main motivating factors cited by students were the desire to finish high school to enter the job market (29%) and search for new knowledge (23%). Most students (35%) cited issues related to teachers as factors that motivated them to study, followed by 18% who reported feeling too tired to study after working hours. On the importance of using examples from everyday life at school, 94% stated that this will facilitate learning as they can link them with events of daily life, facilitating this process. In general, we find that there is an urgent need to redefine the educational proposal applied to groups of youth and adults, profound changes are necessary in order to know the actual profile of these students and adjust teaching practices to the reality that is presented.

Keywords: Youth and Adults. Learning. Motivation. Prior knowledge.

Introdução

Esta pesquisa tomou como base as observações acerca do processo de ensino-aprendizagem, especificamente, com os alunos do Curso Técnico Integrado em Informática na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), do Campus João Câmara do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN).¹

Em 2009, foram abertas as inscrições para os Cursos Técnico Integrado em Informática e Cooperativismo na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, do IFRN – Campus João Câmara, porém quase não houve candidatos inscritos para disputar

as 120 vagas que estavam sendo oferecidas à época. O mesmo não ocorreu com os demais cursos oferecidos pelo Campus João Câmara, os quais tiveram a relação candidatos/vaga considerável perante os demais campi do Plano de Expansão – Fase II do IFRN. Assim, as provas do processo seletivo para os cursos na modalidade EJA, no Campus João Câmara, foram canceladas, e o Departamento Acadêmico do Campus montou estratégias para atrair mais candidatos. Buscaram-se parcerias com associações da região do Mato Grande, e a oferta do curso foi amplamente divulgada, especialmente entre os inúmeros assentamentos rurais que compõem a região. Como resultado daquela ação, foi realizada uma palestra informativa sobre os cursos ofertados na modalidade EJA, nas dependências do Campus João Câmara, e os interessados puderam preencher um questionário que serviu de base para o processo seletivo simplificado dos alunos para as primeiras turmas dos cursos na modalidade EJA, no IFRN – Campus João Câmara. Cabe ressaltar que nesse questionário havia a opção de curso, e

¹ O estudo compreende a socialização dos resultados de um trabalho de parceria desenvolvido pelos pesquisadores dos grupos NUPED, NEPED e GELFOPIS, vinculados à Pró-Reitoria de Pesquisa do IFRN e ao CNPq, na oportunidade dos esforços empreendidos na tentativa de implantação do Programa de Mestrado em Educação Profissional do IFRN. A intenção do mestrado acadêmico do IFRN é promover o aprofundamento de estudos das áreas de conhecimento: Educação de Jovens e Adultos, Educação Profissional, Formação de Professores e Ensino Médio Integrado.

que a grande maioria dos interessados fez a opção pelo curso de Informática.

No início do primeiro semestre letivo de 2009, havia bastante entusiasmo por parte dos alunos, recém-matriculados nas primeiras turmas do curso, e também por parte dos professores perante a nova experiência de lecionar para as turmas da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com o passar dos dias, em conversas com os professores de informática do curso, observamos que, de modo geral, havia desinteresse por parte da turma e que muitos dos alunos não tinham desenvolvido ainda habilidades para trabalhar com computadores. Dessa forma, apresentavam dificuldades de aprendizagem na disciplina de informática básica. Ocorre que a aptidão pela área não tinha sido levada em conta no momento de escolha do curso. Na verdade, parecia que eles pouco conheciam sobre o curso de Informática. O grande atrativo era estudar numa escola pública de qualidade que havia chegado na região, independente da área de formação que seria obtida.

O aluno da EJA, na maioria das vezes, já tem uma característica específica, que é a de estar afastado da escola há algum tempo ou de encontrar-se em distorção entre o ano de ensino e idade. Esse tempo de afastamento pode coincidir com o avanço da informatização nas escolas e com a inclusão da disciplina de informática básica nos currículos do ensino fundamental. Dessa forma, visualizamos alunos que, aparentemente, não tiveram contatos prévios, no ambiente escolar, com a informática e que agora se encontram matriculados em um curso técnico específico da área de informática. E que mesmo com a difusão cada vez mais intensa da tecnologia nas atividades da vida diária, ainda não possuíam habilidades suficientes para ingressar num curso específico na área de tecnologia da informação. Surgem então as seguintes questões de pesquisa: *Como se dará a aprendizagem desse aluno ao longo do curso? O conhecimento prévio é realmente facilitador no processo de ensino-aprendizagem? O que pode motivar esse aluno a superar o desafio de buscar novos conhecimentos?*

Enfim, conhecer esses alunos, entender como eles pensam e perceber que fatores podem ser facilitadores de sua aprendizagem significa possibilitar

que adequações possam ser realizadas no ambiente escolar, para que se possa melhorar o processo de ensino-aprendizagem, contribuindo para o desenvolvimento pessoal e profissional desses alunos e também para as reflexões da equipe docente e técnico-pedagógica.

Assim, esta pesquisa buscou investigar como se configuram os mecanismos motivacionais e dos conhecimentos prévios no processo de aprendizagem vivenciado pelos alunos do Curso Técnico Integrado em Informática na Modalidade EJA do IFRN – Campus João Câmara. Ela caracterizou-se por ser de natureza qualitativa, descritiva e exploratória. A população do estudo foi constituída por 28 alunos regularmente matriculados no Curso Técnico Integrado em Informática na Modalidade EJA do IFRN – Campus João Câmara. A amostra foi composta por 17 alunos que aceitaram participar voluntariamente desta pesquisa, seguindo os seguintes critérios de inclusão: estar regularmente matriculado na turma 6408.3N do Curso Técnico Integrado em Informática na Modalidade EJA do Campus João Câmara do IFRN e ter idade superior a 20 anos. Para se obter o enquadramento amostral da pesquisa, foi utilizado um questionário elaborado e aplicado aos alunos pela equipe pedagógica do Campus contendo informações acerca dos perfis pessoal, profissional, estudantil e cultural dos mesmos. Para o processo de coleta de dados foram elaborados *termos de consentimento livre e esclarecido*, conforme orientam Rosa e Arnoldi (2006). Segundo as autoras, os instrumentos visam assegurar aos sujeitos entrevistados que os dados serão utilizados exclusivamente para fins acadêmico-científicos, além de respaldar o pesquisador no que concerne à utilização do conteúdo coletado.

Foi elaborado também um questionário semiestruturado a fim de obter os dados necessários para desenvolver a pesquisa, tendo sido realizado um estudo piloto com dez alunos com o objetivo de testar e validar o instrumento de coleta de dados. Após a aplicação do estudo piloto, alguns pequenos ajustes foram feitos para que ele fosse aplicado de forma definitiva. Durante a coleta dos dados, cada aluno leu e assinou o Termo de Consentimento da pesquisa, assim como respondeu ao questionário com perguntas semiestruturadas. A aplicação do

instrumento de pesquisa foi realizada coletivamente, em sala de aula, no IFRN – Campus João Câmara. Após a etapa de aplicação, os dados da pesquisa foram organizados, tabulados e submetidos à análise qualitativa para compreender, esclarecer, validar ou refutar os objetivos iniciais do estudo. Para apresentação dos resultados, os alunos foram nomeados por letras do alfabeto, para que fosse preservado o anonimato dos mesmos, mantendo o compromisso de sigilo das respostas dadas durante a coleta dos dados, o que lhes foi assegurado por meio do termo de consentimento de participação nesta pesquisa.

Para o referencial teórico, nos baseamos principalmente nos estudos de Solé (1999), Miras (1999), Ries (2006), Vygotsky (1987), os quais também teorizaram os assuntos aqui abordados, além de outros autores citados ao longo do estudo.

Motivação e conhecimentos prévios

Aprendemos ao longo de toda a vida, havendo perdas e ganhos em cada fase deste processo, que a aprendizagem deve sempre estar presente, funcionando inclusive como um fator motivador para o sujeito. A aprendizagem é estimulada por um interesse, uma motivação, na qual há a quebra de um equilíbrio inicial, provocando um desequilíbrio que obriga o indivíduo a revisar e a recrutar seus esquemas de conhecimento na tentativa de conseguir um novo estado de equilíbrio. O aprendizado do indivíduo está diretamente relacionado ao resultado final deste processo: ele aprende se tudo sair bem; caso contrário, ele não aprenderá como se pretendia (SOLÉ, 1999).

Intervêm na aprendizagem numerosos aspectos, dentre os quais se destacam, especialmente, a motivação, o autoconceito, a afetividade e a exploração dos conhecimentos prévios. Para aprender, significativamente, é indispensável que o aluno manifeste disposição para tal, que ele se proponha a aprofundar-se no conteúdo que pretende aprender e seja capaz de relacionar este conteúdo com o saber que ele já possui.

Um importante aspecto que diferencia a educação de adultos da infantil é a motivação. O adulto busca aprender diante da necessidade

que lhe é imposta. Enquanto para crianças e adolescentes a escola representa, muitas vezes, apenas uma obrigação, para os adultos ela pode representar o meio pelo qual ele pode ter as suas necessidades educacionais atendidas. Eles envolvem-se ativamente no processo quando entendem que a educação pode favorecer a aquisição de conhecimentos e habilidades para desempenhar novas atividades e/ou funções em suas vidas (RIES, 2006).

Diversas atitudes do professor motivam o aluno a aprender, dentre elas a associação dos conhecimentos prévios a novos conteúdos, a criação de relações afetivas com o aluno e a aplicação dos conhecimentos em situações de suas vidas. É mais interessante aprender o novo quando as coisas fazem sentido, isto é, quando conseguimos ver o contexto do que se quer aprender de forma mais ampla, traçando conexões em nossas atividades diárias. Nesse contexto, podemos perceber o quanto é importante o conhecimento prévio para a aprendizagem de novos conceitos.

É imprescindível para o aluno saber o porquê das tarefas propostas e as condições de realização para que possa lhes atribuir sentido. Para que o aluno se envolva realmente em uma tarefa, esta deve fundamentalmente interessá-lo, de forma a preencher alguma necessidade nele, funcionando como motor de ação do processo de aprendizagem. E um dos fatores capazes de influenciar bastante o aluno nesse envolvimento com as tarefas propostas é a exploração dos conhecimentos prévios que este aluno detém sobre os assuntos que dizem respeito a tal tarefa. Com base nesse envolvimento, o processo de ensino-aprendizagem é facilitado, uma vez que o aluno constrói pessoalmente um significado daquela tarefa baseado nos conhecimentos que já possui. Os conhecimentos prévios, além de permitirem ao indivíduo a realização de um contato inicial com o novo conteúdo, auxiliam como fundamentos da construção de novos significados (MIRAS, 1999).

Segundo Ausubel, Novak e Hanesian (1983 apud MIRAS, 1999, p. 66), “o fator mais importante que influi na aprendizagem é aquilo que o aluno já sabe. Isto deve ser averiguado e o ensino deve depender destes dados”. Para Cool (1990 apud MIRAS, 1999, p. 61):

Quando o aluno enfrenta um novo conteúdo a ser aprendido, sempre o faz armado com uma série de conceitos, concepções, representações e conhecimentos adquiridos no decorrer de suas experiências anteriores, que utiliza como instrumentos de leitura e interpretação e que determina em boa parte as informações que selecionará, como as organizará e que tipo de relações estabelecerá entre elas.

Quando o professor determina quais os objetivos que se deseja alcançar com o ensino de um conteúdo poderá selecionar, de maneira mais precisa, em cada caso concreto, quais são os conhecimentos prévios pertinentes e necessários para o desenvolvimento de um determinado processo de ensino-aprendizagem (MIRAS, 1999). Quando os conhecimentos prévios são total ou praticamente inexistentes, é necessário supri-los antes de abordar o ensino de novos conteúdos, ou adaptar e redefinir nossos objetivos e nosso planejamento prévio relacionados a esses conteúdos. Se os conhecimentos prévios forem excessivamente desorganizados ou errôneos, e analisarmos que essas características poderão dificultar os processos de ensino-aprendizagem dos novos conteúdos, é conveniente solucionar esses problemas com atividades específicas destinadas a resolver essas questões antes de iniciar a aprendizagem de novos conteúdos (MIRAS, 1999).

Não podemos garantir a atualização e a disponibilidade dos conhecimentos prévios dos alunos, condição necessária para a realização de uma aprendizagem significativa. A falta de atualização dos conhecimentos prévios pode estar relacionada à ausência de motivação ou de sentido atribuída à atividade que os leva a optar por um enfoque superficial e uma memorização mecânica do novo conteúdo (MIRAS, 1999).

De maneira geral, observamos que os conhecimentos prévios acerca do conteúdo que será desenvolvido têm sido levantados cada vez mais pelos educadores como fatores capazes de favorecer a aprendizagem. Esses conhecimentos prévios englobam não só os conhecimentos sobre o próprio conceito, como também relações diretas ou indiretas que o aluno seja capaz de estabelecer com o novo conteúdo. Segundo essa concepção, uma aprendizagem será significativa quando o aluno

for capaz de estabelecer relações coerentes entre o que já sabe e o novo conhecimento que lhe está sendo apresentado.

Análise dos fatores condicionantes da aprendizagem do adulto

Dentre os alunos que participaram desta pesquisa, 59% são do sexo feminino e 41% do sexo masculino, com idades variando entre 20 e 49 anos, com 47% deles na faixa etária de 26 a 35 anos, 35% com idade variando entre 18 e 25 anos, 12% entre 36 e 45 anos e apenas 6% da amostra apresentando idade superior a 45 anos.

Os resultados estão em consonância com os estudos de Coelho (2008) e Pereira (2009), os quais também apresentaram maioria de alunos matriculados nas turmas de EJA na faixa etária de até 35 anos, tendo um pequeno percentual de alunos com idade igual ou superior a 36 anos, revelando que a população atendida pela EJA é bastante jovem.

Para Pereira (2009), existe uma forte presença de jovens na EJA, em grande parte em razão de problemas de não permanência e insucesso no ensino fundamental “regular”. No Brasil, embora se tenha equacionado praticamente o acesso de todas as crianças ao ensino fundamental, não se conseguiu conferir qualidade às redes para garantir que as crianças permaneçam na escola e aprendam. E com isso elas retornam às escolas, anos mais tarde, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

Em relação à **utilização de computadores antes de ingressar no IFRN**, 65% dos entrevistados afirmaram que os utilizavam anteriormente. Atualmente, 41% dos alunos utilizam essa tecnologia com frequência superior a duas vezes por semana, 23% afirmam utilizar todos os dias, 18% utilizam uma vez por semana, 6% utilizam duas vezes por semana e apenas 12% não utilizam computadores fora do ambiente escolar, representando um total de 23% de alunos que passaram a utilizar frequentemente computadores após ingressar no IFRN. A maioria desses alunos (47%) utiliza computadores em casa, seguidos pelos que utilizam em *lan houses* (29%) e em casa de amigos e/ou familiares (24%).

No estudo realizado por Favero (2009), apenas 10% dos entrevistados tinham acesso ao compu-

tador fora do ambiente escolar com frequência diária, e 50% afirmaram ter acesso aos equipamentos apenas na escola. Encontramos, neste estudo, 12% de alunos que não utilizam computadores fora do ambiente escolar. Não podemos afirmar os motivos dessa não utilização, porém as observações podem indicar como motivos a condição econômica desfavorável e também a não aptidão/interesse por novas tecnologias, este último bastante observado nos alunos com idades mais avançadas.

Para Carneiro (2002 apud FAVERO, 2009), os sentimentos relacionados com o computador acontecem sob alguns aspectos principais: recusa, medo e sedução. Isso acontece tanto com o educador como com o educando, pois tudo o que é novo gera insegurança no princípio, sendo superado no decorrer do processo. Para essa autora, a informática é a base da nova sociedade, mas infelizmente nem todos os envolvidos no processo sentem-se inseridos nela, uma vez que a realidade não é a que condiz com os “padrões” exigidos no contexto no qual se encontram.

Ademais, ainda existem profissionais que não conseguem perceber a diversidade de oportunidades teórico-metodológicas para a utilização dos meios tecnológicos na ação docente, sendo necessário compreender também que a teoria e prática são indissociáveis, particularmente quando se refere à utilização dos meios tecnológicos no processo de ensino-aprendizagem.

Nessa concepção, a tecnologia é vista como recurso, e o enfoque do processo educacional

está na correta utilização de tecnologias. Para atingir determinados objetivos educacionais, a aprendizagem depende da técnica de ensino, ou dos recursos que o professor venha a utilizar, independente de outros fatores que possam interferir no processo ensino-aprendizagem. O desenvolvimento tecnológico não pode estar desligado da teoria de educação que envolve várias ciências. A tecnologia, como prática usada no ensino, é fruto de uma proposta político-pedagógico respaldada por conceitos que são o lastro dessa proposta. Ou seja, a tecnologia poderá ser usada para formar cidadãos conscientes, saber discernir os pontos positivos e negativos, trabalhando assuntos da atualidade, que irão contribuir para o aprendizado e o conhecimento, com aulas motivadoras tanto para o aluno como para o professor. E para saber selecionar os temas discutidos, proporcionando a interação com a tecnologia, proporcionando atividades de entretenimento, realizadas com planejamento, trazendo transformações para a vida dos alunos da EJA. O computador é uma tecnologia educacional quando seu uso se faz na formação de um ser para o mundo em transformação e que possa desencadear uma mudança de atitude em relação ao problema do conhecimento tecnológico, superando a visão fragmentária e restrita de mundo (FAVERO, 2009).

Quando questionados sobre os **motivos que os levaram a escolher o Curso Técnico Integrado em Informática na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos, do IFRN – Campus João Câmara:**

– 59% dos alunos enfatizaram a facilidade que o curso propicia para ingresso no mercado de trabalho, e, conseqüentemente, a conquista de um bom emprego, conforme relatou o Aluno A:

3. Porque você escolheu o curso de Informática?

Escolhi esse curso porque é procurado em qualquer área de trabalho

Para Favero (2009), diversos setores da indústria e de serviços estão criando novos ambientes de trabalho, nos quais o profissional desenvolve atividades polivalentes. A educação está exigindo cada vez mais que os trabalhadores dominem as

novas tecnologias. Uma das conseqüências disso é que está sendo abandonado o perfil do trabalhador adaptado à repetição e à fragmentação de tarefas e se está solicitando um trabalhador com maior qualificação, com capacidade de aprender, de

tomar iniciativas e de apresentar uma atitude participativa e colaborativa. Percebe-se que os alunos sentem a necessidade de novos conhecimentos, já não querem mais ficar sem informações. Eles estão sempre buscando ferramentas para pesquisa, pois quem não as busca fica fora do mercado de trabalho, desatualizado e/ou não inserido em uma sociedade inclusiva.

As formas de organização social e econômica de cada momento histórico influenciam a organi-

zação da educação e o perfil do trabalhador para o mercado de trabalho. O mercado de trabalho atual está mais seletivo, exigindo cada vez mais pessoas capacitadas, e a escola deve preparar seus alunos frente às exigências do mundo do trabalho, devendo, portanto, oportunizar para eles experiências de aprendizagens que irão melhorar a sua autoestima, buscando cada vez mais melhorias profissionais e pessoais, aumentando, possivelmente, sua qualidade de vida.

– 41% citaram ter interesse e/ou curiosidade pela área de informática, conforme relatou o Aluno B:

3. Porque você escolheu o curso de Informática?

É uma boa área de trabalho, é interessante esse novo mundo tecnológico. E eu tive e tenho curiosidade em conhecer tudo sobre a informática.

Segundo Perrenoud (2000), com o avanço das tecnologias há necessidade de o sujeito estar sempre se aperfeiçoando e buscando novos conhecimentos, revelando as relações entre educação e desenvolvimento tecnológico. Mais uma vez é importante estarmos sempre buscando, aprendendo, reciclando os saberes, pois isso é necessário e fundamental para a formação do indivíduo que vive num mundo globalizado em constantes mudanças. É necessário que o professor, sabendo dessa necessidade dos alunos, reflita sobre suas experiências de aprendizagem, conteúdos e de relação com as tecnologias da informação e comunicação.

Nesse caso, 12% dos alunos afirmaram ter escolhido o curso por já estarem trabalhando na

área; 12% citaram ter o sonho de trabalhar com informática; 6% relataram a vontade de aprender para ensinar aos filhos; e outros 6% afirmaram que escolheram a área por falta de opção.

A falta de informações sobre a profissão e o curso em que os alunos ingressam é um dos grandes motivos que os levam a desistir do curso. Ao perceberem que agiram movidos por expectativas infundadas a respeito da instituição ou da profissão escolhida, se decepcionam com o curso e com a instituição de ensino e passam a considerar a possibilidade de desistência (TIGRINHO, 2008).

Sobre a questão **“Você se sente capaz de aprender os conteúdos escolares? O que o/a faz se sentir dessa forma?”**:

Todos os alunos questionados afirmaram se sentirem capazes de aprender os conteúdos escolares, e 65% deles relacionaram essa capacidade a estímulos internos, como indicou o Aluno C:

7. Você se sente capaz de aprender os conteúdos escolares? O que o/a faz se sentir dessa forma?

Sim! Porque tenho muito prazer de aprender e sempre estou ansioso em busca de novos cursos que me capacitem p/ o futuro.

E os outros 35% dos alunos associaram a capacidade de aprender a estímulos externos, assim como relatou o Aluno B:

7. Você se sente capaz de aprender os conteúdos escolares? O que o/a faz se sentir dessa forma?

Sinto capaz de aprender os conteúdos, são pessoas ao meu redor que me dão forças pra seguir a diante.

Para Solé (1999), os resultados obtidos pelos alunos na escola podem ser atribuídos a causas internas, como capacidade ou esforço, ou a causas externas, como a representação do professor sobre ele, a natureza da tarefa e outros. Percebe-se que as causas internas têm mais possibilidades de influenciar na autoestima, independente dos resultados, positivos ou negativos, atribuídos a elas. O fenômeno das expectativas consiste em esperarmos do outro um comportamento em certo sentido, de acordo com o qual desejamos que fosse o real. Assim, após vários estudos, comprovou-se que há uma relação praticamente direta entre as expectativas dos professores sobre o rendimento dos alunos e seu rendimento real. Essas expectativas podem modificar a conduta real dos alunos, porém, para que isso ocorra, é preciso contar com numerosos fatores mediadores, tais como o autoconceito. Os alunos respondem e adaptam-

se de formas diversas aos diferentes tratamentos educativos a eles destinados, mostrando maior ou menor interesse. O resultado disso é que aqueles sobre os quais foram depositadas expectativas positivas mostrarão um rendimento elevado, porém os alunos dos quais se espera poucos êxitos terão uma ajuda educativa de menor qualidade e, conseqüentemente, um menor rendimento. Mais uma vez notamos a importância do autoconceito, desta vez com relação a essas expectativas. Quando se trata de um autoconceito negativo, conseqüência de apreciações negativas construídas nas experiências escolares, as expectativas negativas tendem a confirmar-se. Sendo assim, esse fator pode determinar no aluno seus sucessos ou fracassos.

Vários são os **fatores motivacionais que os levam a estudar**. Os fatores mais citados neste estudo foram:

– A vontade de concluir o ensino médio, fazer curso superior, se profissionalizar e ingressar no mercado de trabalho (29%), conforme citou o Aluno D:

8. O que te motiva a estudar?

No momento o que me motiva a estudar é o desejo de concluir o ensino médio, pois por motivos outros, tive que parar de estudar e não o concluí. E agora vejo a oportunidade de concluir o ensino médio numa escola federal e fazer um curso técnico na área em que trabalho.

Sobre esse aspecto, Coelho (2008) observa que a maioria dos empregos disponíveis requer qualificação elevada, e a escolaridade dos desempregados vem aumentando sem que isso provoque uma redução significativa das elevadas taxas de desemprego.

Muitos trabalhadores têm que buscar atualização, pois não são mais capazes de desenvolverem

determinada tarefa, já que as funções a serem desempenhadas vão muito além do imediato e do específico. Dos trabalhadores dessa virada de século é exigida a capacidade de raciocinar, identificar problemas e buscar caminhos para solucioná-los. Para atender a esse perfil, as empresas requerem um trabalhador mais qualificado. Esse novo perfil demandado no mercado de

trabalho tem exigido que jovens e adultos voltem a frequentar a escola em busca da qualificação necessária. Entretanto as instituições de ensino

não têm conseguido atender a essa demanda que o mercado está exigindo (FERNANDES, 2004).

– A busca de novos conhecimentos (23%), como para o Aluno E:

8. O que te motiva a estudar?

A vontade de aprender e de busca novos conhecimentos para que no futuro possa conseguir um bom emprego e o que me motiva a estudar.

Segundo Favero (2009), é imprescindível que haja a busca contínua do conhecimento para que o sujeito obtenha o desenvolvimento de novas habilidades para a sua inserção no mundo do trabalho.

Dessa forma, verifica-se que a busca contínua deve partir de educadores e educandos, na perspectiva de troca de experiências e de vivências no que concerne às práticas voltadas ao processo digital.

– Buscar um futuro melhor para si e para a família (18%), conforme citou o Aluno F:

3. O que te motiva a estudar?

Meus objetivos e principalmente o meu filho que me motiva para que eu corra atrás dos meus sonhos e também dá um futuro melhor para ele.

– O incentivo da escola e dos professores (18%), relatado pelo Aluno G:

3. O que te motiva a estudar?

O incentivo da avó de IFRRV é ótimo e os professores também, com isso nos faz ficar mais motivado pelo o estudo.

– E o incentivo dos familiares (12%), como informado pelo Aluno H:

3. O que te motiva a estudar?

Eu sou mais filho formado e eles me ajudando, ou seja dando força para eu estudar, e que nunca é tarde para estudar.

Já sobre a questão “**O que faz você se sentir desmotivado para aprender?**”, a maioria (35%) citou questões relacionadas aos professores como fatores que levam a se sentirem desmotivados para estudar, seguidos de 18% que relataram o cansaço do trabalho como fator desmotivador e 12% que relataram a vergonha de perguntar ao professor o

que não entendem em sala de aula. Ainda 6% dos alunos citaram a falta de transporte como fator desmotivador e outros 6% o fato de estarem fazendo um curso de informática e não estarem cursando nenhuma disciplina específica da área. Por fim, 23% dos alunos citaram que nenhum fator desmotiva-os para aprender. Para o Aluno E:

9. O que faz você se sentir desmotivado para aprender?

O que me desmotiva é quando o professor passa o assunto que eu não consigo entender e pede a ele para ele explica de novo e ele fica com a cara feia.

Laffin (2006) aponta a necessidade de uma docência voltada especificamente ao ensino de jovens e adultos, considerando a diversidade cultural, o mundo do trabalho e também a necessidade de metodologias e currículos adequados. O Ministério da Educação também destaca a impor-

tância dos docentes participarem de programas de formação continuada, para assumirem o papel de mediadores e articuladores da produção coletiva do conhecimento e manterem-se comprometidos com a proposta estabelecida.

Uma importante questão levantada pelo Aluno F:

9. O que faz você se sentir desmotivado para aprender?

O trabalho que é muito cansativo mais vou vencer todos os obstáculos.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96, consta no Título V, Capítulo II, Seção V, Artigo 37, § 2º: “O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si.” (BRASIL, 2006).

Em estudo realizado por Pasetto (2008), 60% dos alunos entrevistados da EJA afirmaram que já pensaram em abandonar o curso em razão do cansaço em frequentar as aulas após o trabalho, considerando que muitos alunos apresentam cansaço físico por enfrentarem uma tripla jornada: o emprego, a família e o estudo.

Sobre a questão “**Você tem apresentado dificuldade em acompanhar as aulas? Quais são elas? A que você atribui?**”, 70% dos alunos

afirmaram apresentar dificuldades em acompanhar as aulas, 18% negaram ter dificuldades e 12% disseram que apresentam dificuldades algumas vezes. Desses 70%, a grande maioria (79%) indicou as disciplinas que estavam tendo dificuldades de acompanhar, em vez de citar os motivos dessas dificuldades. Apenas uma aluna (7%) citou que as causas das dificuldades enfrentadas são os constantes esquecimentos e tonturas, acarretados por problemas de saúde. Dos 79% que indicaram as disciplinas que estavam apresentando dificuldades, 36% atribuíram as dificuldades aos professores, 22% à falta de tempo para estudar em casa e 14% à base insuficiente do ensino fundamental e ao longo tempo de afastamento escolar. Para o Aluno I:

10. Você tem apresentado dificuldades em acompanhar as aulas? Quais são elas? A que você as atribui?

do ensino que já tive anteriormente e também pelo fato de estava com estudos há 10 anos

É certo que o tempo de afastamento escolar provoca maiores dificuldades aos alunos para acompanharem os conteúdos propostos. Segundo Pereira (2009), a sociedade brasileira não conseguiu reduzir as desigualdades socioeconômicas e as famílias são obrigadas a buscar no trabalho das crianças uma alternativa para a composição de renda mínima, roubando o tempo da infância e o tempo da escola. Assim, mais tarde, esses jovens retornam, na Educação de Jovens e Adultos, convictos da falta que faz a escolaridade em suas

vidas, acreditando que a negativa em postos de trabalho e em oportunidades de emprego associa-se exclusivamente à baixa escolaridade.

As disciplinas citadas pelos alunos como aquelas em que eles apresentam **mais facilidade de aprendizagem** foram Matemática (53%), Biologia (35%) e Geografia (29%).

Os principais **motivos que levaram a uma melhor aprendizagem** dos alunos nessas disciplinas foram: o interesse pelo assunto (53%), exemplificado pelo relato do Aluno B:

12. Que motivos levaram a uma melhor aprendizagem nessas disciplinas?

A curiosidade de saber o que cada uma delas traz de interessante, algumas vezes trabalhos, discursos nas aulas, seminários etc.

E a maneira como o professor ensina (35%), conforme relatou o Aluno J:

2. Que motivos levaram a uma melhor aprendizagem nessas disciplinas?

A forma de passar os conteúdos para os alunos, que são maravilhosas, por isso eu tenho uma melhor compreensão.

Observamos que, segundo os alunos, a aprendizagem está bastante relacionada à maneira como o professor transmite o conteúdo.

A legislação prevê a necessidade de uma capacitação para trabalhar com a educação de jovens e adultos. Segundo o Conselho Nacional de Educação (CNE), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (DCNs) indica que:

[...] o preparo de um docente voltado para a EJA deve incluir, além das exigências formativas para todo e qualquer professor, aquelas relativas à complexidade diferencial desta modalidade de ensino. Assim esse profissional do magistério deve estar preparado para interagir empaticamente com esta parcela de estudantes e de estabelecer o exercício do diálogo (BRASIL, 2000, p. 56).

Di Pierro (2003) relata um estudo feito no ano de 2003 pelo Instituto Nacional de Estudos

e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) que sinaliza a grande defasagem de profissionais para atuarem junto aos jovens e adultos. Dos 1.306 cursos de pedagogia existentes no Brasil no ano de 2009, apenas 16 (1,22%) ofereciam habilitação específica para educação de jovens e adultos: sete deles (43,75%) eram oferecidos por instituições de ensino superior localizadas na Região Sul do Brasil; no Nordeste havia seis cursos (37,5%); dois no Sudeste (12,5%); e um no Centro-Oeste (6,25%). Assim, há um enorme déficit de profissionais da educação com formação inicial adequada para atuar junto a jovens e adultos.

Os docentes que atuam com os jovens e adultos são, em geral, os mesmos do ensino regular. A rotatividade de docentes e a inexistência de equipes especialmente dedicadas à educação de jovens e adultos prejudicam a formação de um corpo técnico especializado e dificultam a organização de projetos

pedagógicos específicos para essa modalidade, o que limita as possibilidades e os resultados de eventuais iniciativas de capacitação em serviço (DI PIERRO, 2003).

Já as disciplinas citadas pelos alunos como as que eles apresentam **mais dificuldades de aprendizagem** foram Português (76%) e Matemática (41%).

Os principais **motivos alegados para tais dificuldades** foram a baixa qualidade do ensino anterior e a falta de incentivo educacional na infância (35%); dificuldades de aprendizagem relacionadas à cálculos ou leitura (30%); excesso de cobrança dos professores (12%); longo tempo de afastamento escolar (12%); e falta de tempo para estudar em casa (6%).

Para o Aluno E, a baixa qualidade do ensino fundamental que realizou é o fator que propicia o aparecimento das dificuldades vivenciadas no atual processo de ensino-aprendizagem:

14. Que motivos levaram as dificuldades de aprendizagem nessas disciplinas?

EU acho que foi um ensino fundamental de má qualidade que eu tive.

Em estudo realizado por Pasetto (2008) com professores de Matemática, 48% dos entrevistados atribuíram ao desempenho dos próprios professores o fato de os alunos não se sentirem atraídos em estudar a disciplina, enquanto outros 44% atribuíram o fato ao despreparo anterior dos alunos, ou seja, à falta de base nas séries iniciais.

Ainda neste estudo, porém questionando os alunos sobre o interesse pela matemática, 53% afirmaram gostar e achar importante a disciplina e 33% disseram não gostar da disciplina, justamente pelo fato de sentirem dificuldades em acompanhar o conteúdo. Nosso estudo está em consonância com esses dados uma vez que percebemos que um grande percentual de alunos afirmou gostar da disciplina matemática, e muitos desses mesmos alunos afirmaram na questão seguinte não gostar de matemática por sentirem dificuldades de acompanhar as aulas dos professores.

Laffin (2006) afirma que as dificuldades de compreensão das especificidades dos alunos da modalidade EJA têm levado à busca do ensino regular como formato a ser aplicado nas turmas em uma configuração resumida do ensino fundamental ou médio, na qual o jovem e o adulto são vistos como se fossem crianças. Em outras palavras, se considera que uma vez não tendo realizado as séries da educação básica na época adequada, os alunos da EJA, entendidos como “atrasados”, deveriam ter acesso aos mesmos conteúdos, porém compactados, sem levar em consideração os seus objetivos específicos.

Sobre a **utilização de exemplos do cotidiano**, 94% afirmaram que facilita a aprendizagem, pois os exemplos ajudam a relacionar o assunto com acontecimentos do dia a dia, facilitando esse processo, assim como relatou o Aluno K:

15. Quando o professor cita exemplos do cotidiano, isso facilita a sua aprendizagem? Por quê?

SIM, POIS ISSO FACILITA NA APRENDIZAGEM TORNA-
DO MAIS FÁCIL O CONTEÚDO E FAZENDO ATÉ COM QUE
O ASSUNTO SEJA PARTE DO NOSSO DIA-DIA

Segundo Solé (1999), quando são requeridas aos alunos questões que se referem diretamente a sua percepção de mundo e vivência cotidiana é possível observar que eles se sentem mais soltos para se expressarem. Nas palavras de Palácios (2004) e Miras (1999), quanto mais se relacionarem com o âmbito de experiência habitual de cada pessoa, mais fácil será a assimilação dos conteúdos, sendo fundamental desenvolver na sala de aula um método progressivo.

Baseado no conhecimento prévio é possível, segundo Ries (2006), fazer os educandos avançarem no seu desenvolvimento. A função do professor é, assim, progressivamente, aumentar esse processo.

Por fim, sobre a questão “**O que o professor pode fazer para você aprender melhor sobre um determinado assunto?**”, a maior parte dos alunos relatou que os professores podiam melhorar a explicação dos assuntos (35%), conforme foi sucintamente relatado pelo Aluno I:

16. O que mais o professor pode fazer para você aprender melhor sobre um determinado assunto?

uma boa explicação.

O mesmo percentual referente à melhoria nas explicações dos assuntos (35%) foi relatado no estudo orientado por Pasetto (2008) com alunos de uma escola da rede estadual de São Paulo. Nesse mesmo estudo, a grande maioria dos alunos (50%) relatou que os professores podiam ter uma

melhor qualificação profissional, o que não foi citado pelos alunos do IFRN – Campus João Câmara. Para 29% dos alunos existe a necessidade dos professores utilizarem novas metodologias, deixando as aulas mais dinâmicas, conforme relato do Aluno D:

6. O que mais o professor pode fazer para você aprender melhor sobre um determinado assunto?

Explicar de forma dinâmica, usando mecanismos diversos, não só ficar naquela de conteúdo e prova.

Por meio de novas tecnologias é possível oferecer aos alunos ferramentas de diversos recursos, fazendo com que o aluno tenha interesse em buscar o aprendizado, podendo abrir possibilidades e despertando habilidades. Contudo, o simples uso das tecnologias não implica a eficiência do processo de ensino-aprendizagem, principalmente se a forma

desse uso limitar-se a tentativas de introdução da novidade, sem compromisso do professor que o utiliza com a inteligência de quem aprende (FAVERO, 2009).

Outros 29% dos alunos desejam que os professores passem mais exercícios com mais exemplos (29%), seguidos de 12% que especificaram o desejo

da utilização da música e de imagens como meios de melhorar a aprendizagem e de 6% que citaram a necessidade de inclusão das atividades de pesquisa e extensão durante as aulas.

Após a análise dos dados, percebemos que não há unanimidade acerca dos fatores motivacionais condicionantes da aprendizagem do adulto, já que vários foram os fatores citados pelos participantes deste estudo. Por outro lado, há concordância entre eles em relação à importância de se contextualizar e relacionar o conteúdo a ser desenvolvido com situações cotidianas vivenciadas pelos alunos, explorando os conhecimentos que estes já possuem acerca do que circunda tais conteúdos.

Considerações finais

Reconhecemos ao longo deste trabalho que muitos aspectos intervêm na aprendizagem dos sujeitos, em especial no âmbito da educação de jovens e adultos, dentre os quais destacamos a motivação e a exploração dos conhecimentos prévios. Esses aspectos devem sempre ser levados em consideração no processo de ensino-aprendizagem, de forma a possibilitar reflexões que possam auxiliar o desenvolvimento e o sucesso desse processo. Existe uma relação mútua entre os mesmos no momento em que o indivíduo consegue estabelecer relações que facilitam sua aprendizagem, motivando-o à busca de novos conhecimentos, e vice-versa. O indivíduo constrói o conhecimento e promove interações entre o ambiente e a sua realidade, e, desta forma, resgata a visão do contexto, revelando que são o que são dentro de determinados universos, podendo e devendo ser compreendidos com base em suas conexões e em suas relações com a sua realidade contextual. Isso implica que a educação promova o respeito às diferenças, à diversidade entre os seres, às variações culturais e aos diferentes processos do desenvolvimento humano.

A educação de jovens e adultos apresenta peculiaridades que devem ser reconhecidas como fundamentos a serem investigados e trabalhados para estimular esses indivíduos à busca do conhecimento. E, como vimos, um desses fundamentos é o conhecimento que o aluno já possui, devendo ser trabalhado pelos professores numa tentativa de significar realmente o ensino, já que a associação

desses conhecimentos a novos conteúdos e a sua aplicação em situações do cotidiano, agregada à criação de relações afetivas com o aluno, possibilita um aprendizado mais significativo. É importante ressaltar que esses conhecimentos devem ser considerados no processo de ensino-aprendizagem como parte de um contexto global, compreendendo o sujeito como um ser pensante e capaz de articular tais conhecimentos prévios, e baseando-se neles construir novos conceitos.

A revolução da ciência e da tecnologia requer que os indivíduos aprendam melhor e de forma continuada, e o foco principal passa a ser o processo de aprendizagem, oferecendo, ao mesmo tempo, a instrumentação técnica necessária capaz de colaborar neste sentido. Uma política voltada para o desenvolvimento da aprendizagem, da construção de conhecimentos mais de acordo com os novos tempos, implica uma nova sinergia entre dois eixos fundamentais: o epistemológico e o tecnológico, em que um colabora com o outro. Portanto, educar para o progresso e a expansão do conhecimento é o que caracteriza a competição entre diferentes realidades produtivas, requerendo, além do desenvolvimento das competências cognitivas, maior intuição, criatividade e agilidade de raciocínio, associadas ao manejo da tecnologia e maior conhecimento técnico. Essa interação poderá ocorrer mediante adequada articulação entre educação, ciência e tecnologia voltada para a produção do conhecimento. É um desenvolvimento técnico e, sobretudo, humano, em que as tecnologias são recursos que colaboram para a instrumentação do indivíduo e, ao mesmo tempo, para sua humanização ao favorecer a ocorrência de processos reflexivos, de interações interpessoais e a compreensão das diferenças culturais.

O exercício da cidadania requer o acesso de todos à totalidade de recursos culturais, pois eles são importantes para que se possa intervir e participar com responsabilidade da vida social. Na sociedade de hoje, na qual o nível de informação é muito grande e diversificado, o acesso aos meios de comunicação e a utilização das diferentes linguagens são imprescindíveis para a inserção no mundo do trabalho. Conhecer e saber usar as novas tecnologias requer a aprendizagem e, principalmente, habilidades relacionadas ao tratamento da informação. Ou seja,

aprender a localizar, selecionar, julgar a pertinência, procedência, utilidade, assim como capacidade para criar e comunicar-se por esses meios.

Nesse sentido, a escola tem importante papel a cumprir na sociedade, ensinando os alunos a se relacionarem de maneira seletiva e crítica com o universo de informações a que têm acesso no seu cotidiano. O desenvolvimento tecnológico constante vai provocando modificações no mundo do trabalho. Ao mesmo tempo em que surgem novas profissões, outras desaparecem e, em razão dessa

alteração constante, todos devem estar preparados para lidar com as novas tecnologias e linguagens capazes de responder aos novos fenômenos sociais que se apresentam.

Assim, esperamos com este estudo possibilitar que adequações possam ser realizadas no cotidiano da escola, por meio de reflexões da equipe docente e técnico-pedagógica, melhorando todo o processo de ensino-aprendizagem e contribuindo para o desenvolvimento pessoal e profissional dos alunos da EJA.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Conselho Nacional de Educação (CNE). **Parecer CNE/CEB nº11/2000**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, DF, mai. 2000.

_____. **Decreto nº 5.840**, de 13 de julho de 2006. Institui, no âmbito federal, o Programa de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos – PROEJA e dá outras providências. Brasília, DF, 13 jul. 2006.

COELHO, Maria Inês Matos. Identidades e formação nos percursos de vida de jovens e adultos trabalhadores: desafios ao Proeja. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, Brasília, v. 1, p. 83-97, 2008.

DI PIERRO, Maria Clara (Coord.). **Seis anos de educação de jovens e adultos no Brasil: os compromissos e a realidade**. São Paulo: Ação Educativa, v. 1, 2003.

FAVERO, Rozangela Maria Zatti. **A importância da inclusão digital na turma da educação de jovens e adultos no Programa Viver**. 2009. 55 f. Monografia (Especialização) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Chapecó, 2009.

FERNANDES, Andréa Paixão. O diálogo entre trabalho e educação de jovens e adultos: e a formação do cidadão? In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27., 2004, Caxambu. **Anais...** Caxambu: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2004.

LAFFIN, M. H. L. F. **A constituição da docência entre professores de escolarização inicial de jovens e adultos**. 2006. 215 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

MIRAS, Mariana. Um ponto de partida para a aprendizagem de novos conteúdos: os conhecimentos prévios. In: COLL, César. et al. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1999.

PALÁCIOS, Jesús. O desenvolvimento após a adolescência. In: COLL, César. et. al. **Desenvolvimento psicológico e Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PASETTO, Sheila Aparecida de Oliveira. **Relação entre a evasão na EJA e o ensino de matemática**. 2008. 86 f. Monografia (Especialização) – Centro Federal de Educação Tecnológica de São Paulo, São Paulo, 2008.

PEREIRA, Amarildo. **A evasão de alunos oriundos da EJA no Curso Técnico em Mecânica Industrial do IFSC – Campus Joinville em 2007**. 2009. 91 f. Monografia (Especialização) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina, Chapecó, 2009.

PERRENOUD, P. **Dez Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

RIES, Bruno. A aprendizagem na fase adulta. **Ciências e Letras** – Revista da Faculdade Portoalegrense de Educação, Porto Alegre, n. 40, p. 24-38, jul./dez. 2006. Disponível em: <<http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista40/Bruno.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2007.

ROSA, Maria Virgínia de F. P. de Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida G. Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOLÉ, Isabel. Disponibilidade para a aprendizagem e sentido da aprendizagem. In: COLL, César. et al. **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1999.

TIGRINHO, Luiz Maurício Valente. Evasão Escolar nas Instituições de Ensino Superior. **Revista Gestão Universitária**, São Paulo, v. 173, p. 1-14, 2008.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Recebido em 08.10.11

Aprovado em 17.01.12